

A LIBERDADE FEMININA NO CAMPO NORDESTINO: O PROTAGONISMO DA MULHER NA LUTA CONTRA A SOCIEDADE OPRESSORA

Para falar de liberdade feminina é preciso citar o movimento feminista como principal ponte de entendimento. Movimento organizado a partir do século XIX, no Brasil, assume papel importante e desafiador em uma das grandes mudanças políticas à época: a institucionalização do país em república ainda com ideias de sistema opressor. A partir daí, a luta feminina baseia-se na aquisição dos direitos políticos, principalmente na mudança de pensamento ao que se diz respeito à liberdade intelectual e política, sexual e de escolha. Diante de grandes lutas por princípios básicos de direito à educação, saúde, moradia e afins, eis que surge a necessidade de diálogo com mulheres do campo sobre sua situação social e política. Uma das temáticas debatidas em meados dos anos 1980 era a condição de vida que essas mulheres estavam inseridas, principalmente sua condição frente à atividade laboral no campo. A mulher do campo exercia o papel de gênero frágil, sendo-lhe atribuídas funções de cozinha (para alimentar seus maridos enquanto os mesmos trabalhavam no plantio/colheitas de suas terras ou pequenos lotes cedidos por latifundiários), educação e criação dos filhos e, em muitos casos, com objeto sexual. Além disso, a mulher exerce (ia) atividades próprias à vida no campo: plantio, colheita, criação de pequenos animais, cuidados com o entorno da casa, etc. sem que fossem devidamente reconhecidas por este trabalho. A partir disso, os debates foram se intensificando, até a criação do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste. Neste sentido, a investigação sobre a situação atual da mulher do campo nordestino terá como objetivo saber, a partir de atividades extensionistas, o protagonismo dessas mulheres que lutam pelo seu empoderamento libertário e quais as mudanças sociais e políticas são impulsionadas e percebidas pelas mesmas.